

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

ESCAVAÇÕES NO CAMPO DE BATALHA DE ALJUBARROTA

É de justiça assinalar o alto interesse de que se revestem os trabalhos de escavação arqueológica realizados no campo de batalha de Aljubarrota, não só pela luz que podem lançar sobre uma das mais brilhantes páginas da nossa História Militar, mas também, e principalmente, pela aplicação de técnicas arqueológicas a problemas de história medieval.

Supomos que se trata da primeira tentativa do género em Portugal e os resultados levam-nos a formular votos de que não seja a única, e de que os trabalhos prossigam até haver a certeza de que se esgotaram todas as possibilidades de informação que o solo sagrado de S. Jorge pode dar.

Sobre o que as primeiras pesquisas revelaram nada diremos, tanto mais que a Comissão de História Militar nos deu já uma esplêndida publicação: *Aljubarrota. Trabalhos em execução de arqueologia militar.*

Aos seus autores, srs. Tenente-coronel Costa Veiga, Capitão Gastão de Mello de Matos e Tenente-coronel Afonso do Paço, apresentamos vivas felicitações. Tratando-se de uma revista de arqueologia não se estranhará que chamemos a atenção para o papel que a este último, como arqueólogo, coube desempenhar.

Parece-nos também de salientar como exemplo (que, embora não seja único, não é muito frequente) o benefício que pode resultar da colaboração entre especialistas de diferentes sectores. Neste caso entre historiadores, arqueólogos e antropólogos, pois o estudo do material osteológico foi entregue ao director do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, sr. Doutor A. Xavier da Cunha.

PROSPECÇÕES SUBAQUÁTICAS EM PORTUGAL

Como noutro lugar noticiamos efectuaram-se em Outubro, na península de Tróia (Setúbal), pesquisas arqueológicas subaquáticas. Dirigiu-as superiormente o sr. Prof. Doutor Manuel Heleno, catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa e director do Museu Etnológico

do Dr. Leite de Vasconcelos, e os trabalhos foram realizados por um grupo de desportistas do Centro de Actividades Submarinas.

Supomos que as primeiras explorações submarinas intencionais em Portugal foram as que, por volta de 1937, o sr. Dr. José Formosinho, director do Museu Regional de Lagos, fez na parte submersa da estação arqueológica da Boca do Rio, em Búdens, no concelho de Vila do Bispo.

Sem dispor de quaisquer aparelhos e contando apenas com o limitado tempo e possibilidades do mergulho normal, conseguiu, ainda assim, recuperar alguns fragmentos de cerâmica e um capitel corintio.

Em 1957, por iniciativa e sob orientação do sr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira, quatro estudantes estrangeiros que participavam no campo de trabalho que a Mocidade Portuguesa organizou em Tróia de Setúbal, fizeram trabalhos de prospecção subaquática, que aquele arqueólogo descreveu no jornal *Distrito de Setúbal*, em 20 de Outubro do corrente ano.

Nesse mesmo ano de 1957, o sr. Dr. Fernando Russell Cortez, director do Museu de Grão Vasco, publicou uma notícia sobre a recolha de materiais romanos e a localização de restos de um barco no mar da Figueira da Foz (1).

Em 1953, numa recensão publicada no volume XXIX de *Biblos*, a propósito de trabalhos de pesquisa arqueológica subaquática realizados em Itália e França, sugeriu-se que, com um inquérito junto das Capitánias dos portos talvez não fosse difícil obter notícias de achados arqueológicos nas nossas águas territoriais. O Senhor Almirante Américo Tomás, então Ministro da Marinha, mandou proceder a esse inquérito cujas conclusões, muito amavelmente, nos foram comunicadas.

Também nessa mesma recensão publicada na *Biblos* se manifestava a esperança de que estudos e trabalhos de pesquisa arqueológica subaquática pudessem vir a ser feitos em Portugal dentro de pouco tempo, o que não seria difícil se houvesse espírito de colaboração por parte das entidades que poderiam intervir e auxiliar eficazmente as investigações desta natureza.

(1) R. C. «Pesquisas arqueológicas submarinas, no Atlântico», *Viriatis* (Boletim do Museu de Grão Vasco), I, Viseu, 1957, n.º 2, pp. 120-121.

Que a esperança não era infundada provam-no os recentes trabalhos e, por isso mesmo, agora que se deu um passo decisivo, não queremos deixar de assinalar o acontecimento e de felicitar quem o orientou e executou.

J. M. B. O.

ARQUEOLOGIA, PARA QUÊ?

Do *Diário do Alentejo*, publicado em Beja no dia 22 de Julho de 1959, com as devidas autorizações do autor e do director do jornal, transcrevemos um interessante artigo do sr. Dr. Fernando Nunes Ribeiro.

As suas considerações revestem-se do maior interesse num momento em que a arqueologia portuguesa luta pelo lugar que lhe é devido, mas que ainda não é unânimemente reconhecido.

Recordemos que em 1914 — há quarenta e cinco anos! — já Félix Alves Pereira escrevia: «Quando é que em Portugal se terá compreendido que, através de todos os estorvos do nosso bisantinismo, é preciso proteger abertamente a arqueologia e os arqueólogos, que são obreiros da história nacional?» (*O Archeologo Português*, XIX, p. 340, n. 4).

De então para cá, felizmente, bastante se progrediu nesse aspecto. Mas, como essa verdade ainda se não impôs a todos, aqui deixamos arquivadas as judiciosas considerações do Dr. Nunes Ribeiro, na esperança de que elas possam esclarecer alguns e servir de tema de meditação a outros.

Eis o que nos diz o Dr. Fernando Nunes Ribeiro no seu artigo *Arqueologia para quê?*:

«Mesmo numa época, como a actual, em que Humanidade desfruta os progressos duma técnica cada vez mais adiantada, em que a máquina parece querer superar o homem e em que este tem os olhos postos num futuro rico de fantásticas promessas, não deixa de ter muito interesse o estudo da Arqueologia.

Arqueologia (do grego *archaios*, antigo e *logos*, tratado) é, pela própria etimologia, o *tratado do antigo*, isto é, o estudo do que é antigo.

Dar uma definição mais concreta não é problema fácil. Numa explicação simplista diremos que Arqueologia é a ciência, ou conjunto